

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
Programa de Pós-Graduação em Educação

Elma Henrique Picanço de Castro e Silva

**O “SUCESSO” ESCOLAR IMPROVÁVEL DE UM SUJEITO COM SÍNDROME DE DOWN:
as relações e estratégias familiares**

São João del-Rei

2014

O “SUCESSO” ESCOLAR IMPROVÁVEL DE UM SUJEITO COM SÍNDROME DE DOWN: AS RELAÇÕES E ESTRATÉGIAS FAMILIARES

No período de 2010 a 2011, foi desenvolvida na Universidade Federal de São João del-Rei uma pesquisa de Iniciação Científica em que foi investigado como acontecia a participação de um adolescente com Síndrome de Down nos eventos de letramento presentes no seu contexto familiar. Esse trabalho foi concluído com uma série de dúvidas em relação a inúmeras questões para as quais não se obteve respostas. Ademais, o discurso da mãe do Sujeito Down chamou bastante atenção ao transmitir determinação para que ele consiga ir além do que lhe é oferecido, pelas suas limitações.

Diante disso, a presente pesquisa, que ainda se encontra em andamento, é a continuação desse trabalho de Iniciação Científica. Trata-se de uma pesquisa de mestrado, a qual se encontra vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei. Portanto, o que se pretende investigar agora é como se dão as estratégias familiares na construção da trajetória escolar de um sujeito com Síndrome de Down, o que, possivelmente, vem possibilitando o seu “sucesso” escolar improvável, por suas limitações cognitivas.

A partir do processo de inclusão, os alunos com necessidades especiais vêm conquistando maiores oportunidades de aprendizagem e escolarização. Entretanto, ainda é um número bem pequeno daqueles que conseguem uma trajetória escolar que chegue ao Ensino Médio e até mesmo à Universidade. Já há pesquisas sobre trajetórias escolares de pessoas oriundas de camadas populares e de famílias rurais, bem como trajetórias escolares de índios e de mulheres. No entanto, são poucos os estudos que versam sobre a trajetória escolar de um sujeito com Síndrome de Down.

Uma das características mais constantes da Síndrome de Down é a deficiência mental. Conforme Schwartzman citado por Voivodic e Storer (2002), o sujeito Down possui atraso em todas as áreas de desenvolvimento e um estado de deficiência mental que se apresenta de forma permanente. Contudo, não existe um padrão previsível de desenvolvimento em todas as crianças afetadas, visto que o desenvolvimento da inteligência não depende apenas da alteração cromossômica, mas principalmente do contexto familiar, social e escolar em que elas vivem, além do estímulo precoce que ela recebe (p. 31).

O sujeito com Síndrome de Down possui certa dificuldade de aprendizagem que na grande maioria dos casos, apresentam-se como dificuldades generalizadas, as quais afetam todas as capacidades: linguagem, autonomia, motricidade e integração social. Estas podem se manifestar em maior ou menor grau.

Crianças com Síndrome de Down não desenvolvem estratégias sozinhas e esse é um fato que deve ser considerado em seu processo de aquisição de conhecimentos. No entanto, elas têm possibilidades de se desenvolver e executar atividades diárias e até mesmo adquirir formação profissional. No enfoque evolutivo, a linguagem e as atividades, como leitura e escrita, podem ser desenvolvidas a partir das suas próprias experiências.

No caso do sujeito dessa investigação, apesar de ter Síndrome de Down, ele já está no Ensino Médio. Como isso foi possível diante de suas limitações cognitivas? Como os contextos familiar, social e escolar contribuíram para que ele chegasse tão longe? Quais foram as estratégias empreendidas por essa família? Além do estímulo familiar, quais outros fatores concorreram para que esse sujeito alcançasse êxito na escola regular? São questões que nos ajudam a pensar acerca da trajetória peculiar desse sujeito.

Segundo os dizeres de Portes¹, trajetória não é um caminhar em linha reta. Compreender uma trajetória é procurar entender as interseções, as quebras e as bifurcações que estão presentes nela, investigando-se não apenas o sujeito e o sentido que ele dá para a sua construção, mas também a sua família e gerações, algo denominado como intergeracional.

O sujeito não é auto-suficiente, portanto, não constrói sua trajetória sozinho. A trajetória, então, tem que ser compreendida dentro de uma configuração social; ela se dá de forma relacional. Segundo Lahire (1997), “Uma parte do sucesso escolar dessas crianças está, aliás, relacionada a essa presença de elementos contraditórios que lhes possibilita ter pelo menos um membro da família (...) em que podem apoiar-se em sua experiência escolar” (p. 346).

No mesmo sentido, Bernard Lahire faz alusão à importância da configuração familiar na formação da criança em termos comportamentais, cognitivos e emocionais. São relações de interdependência que auxiliam o sujeito a delinear sua trajetória. Para Lahire (1997):

A personalidade da criança, seus “raciocínios” e seus comportamentos, suas ações e reações são incompreensíveis fora das relações sociais que se tecem, inicialmente, entre ela e os outros membros da constelação familiar, em um universo de objetos ligados às formas de relações sociais intrafamiliares (p. 17).

Nesse contexto, Bakhtin também nos traz a ideia de que um ser só se constitui a partir do outro. O “eu”, então, precisaria da colaboração do “outro” para poder definir-se, não tendo como existir de forma independente. Para Bakhtin (2013):

De fato, mal a pessoa começa a vivenciar a si mesma de dentro, depara imediatamente com atos de reconhecimento e amor de pessoas íntimas, da mãe, que partem de fora ao encontro dela: dos lábios da mãe e das pessoas íntimas a criança recebe todas as definições iniciais de si mesma.

¹Aula proferida pelo professor Écio Antônio Portes na disciplina Tópicos Especiais de Sociologia do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São João del-Rei, em 03 set. 2013.

(...) Esse amor de mãe e de outras pessoas, que desde a infância formam homem de fora ao longo de sua vida, dá consistência ao seu corpo interior (p. 46-47).

Sendo assim, podemos afirmar que o sujeito pesquisado se constitui a partir da relação que possui com todos a sua volta, familiares, professores, amigos, dentre outros, existindo uma rede de interdependência entre os diversos contextos em que ele está inserido.

No que se refere ao contexto escolar, este classifica o aluno a partir do mérito, por suas qualidades morais/comportamentais e intelectuais, mas o sujeito investigado possui uma limitação cognitiva e, portanto, não estaria dentro dos padrões exigidos pela escola. No entanto, ele vem demonstrando resultados positivos. Como explicar então esse “sucesso”? Lahire considera a escola e a família como redes de interdependência constituídas por relações específicas, havendo graus de dissonância ou consonância entre elas. Logo, o “fracasso” ou “sucesso” escolares poderiam ser justificados a partir dessas contradições ou não entre a família e a escola (LAHIRE, 1997, p. 19).

A escola também é marcada pela leitura e pela escrita, algo muitas vezes negligenciado no seio familiar. A criança que não tem familiaridade com a cultura escrita vive um abismo em relação à escola. Por outro lado, a presença de disposições racionais familiares ou dos eventos de letramento, como por exemplo, pais que escrevem em agendas, bilhetes, diários, cartas, fazem listas de compras, lêem jornais, livros, revistas, classificam documentos, contam histórias infantis, organizam documentos e horários, traz a escola para perto da criança e esta consegue se adaptar melhor às suas regras. De acordo com Lahire (1997), “De fato, uma vez que a criança formou, sobretudo na interdependência com seus pais, um conjunto de disposições e de competências, escolarmente adequadas, pode enfrentar ‘sozinha’ as exigências escolares” (p. 65).

Verificou-se, ainda, com o trabalho de Iniciação Científica, a presença de estratégias familiares que dão significado para um possível percurso escolar exitoso do sujeito Down. Para Portes², estratégias são todos os movimentos/ações que o sujeito empreende para dar resposta às suas necessidades e as dos outros. Elas dão significado ao percurso, à trajetória e podem ser inconscientes ou racionais. No caso das camadas populares, as suas estratégias não são necessariamente racionais, pois não estão voltadas para um determinado fim. Já no que diz respeito às camadas médias, nas quais está inserido o sujeito pesquisado, o uso das estratégias geralmente é racional. Para Boudon (1981), “(...) os indivíduos ‘escolhem’ seu nível de instrução por um cálculo racional, em função de sua posição no sistema das classes e das expectativas sociais ligadas num momento particular

²Aula proferida pelo professor Écio Antônio Portes na disciplina Tópicos Especiais de Sociologia do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São João del-Rei, em 03 set. 2013.

aos diversos níveis de instrução” (p. 250). As estratégias teriam então um fim prático, seria um custo-benefício.

Nesse sentido, Bourdieu (1976) afirma que:

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim (p. 94).

Essas disposições são estruturadas, pois o sujeito não consegue se livrar delas, e também estruturantes, porque orientam as ações dele. No entanto, Lahire amplia esse conceito, pois afirma que o *habitus* não é algo que acontece de forma automática, variando de acordo com o contexto em que o sujeito está inserido. Tal contexto é múltiplo, impregnado com uma pluralidade de relações heterogêneas, como por exemplo, a família, a escola, a igreja, etc., sendo que cada indivíduo possui uma experiência diferente do outro. Dessa forma, Lahire (1997) assevera que:

Existe sempre, em cada ser social, em qualquer grau, competências, maneiras de ser, saber e habilidades, ou esboços de disposições, delineadas, porém não atualizadas em algum momento da ação, ou, de maneira mais ampla, em algum momento da vida, que podem ser postas em ação em outros momentos, em outras circunstâncias (p. 36)

Assim, buscou-se identificar a presença ou não de capital social, cultural, escolar e econômico na família do sujeito investigado, o que pode, possivelmente, ter contribuído para o seu desenvolvimento e conseqüentemente para o seu “sucesso” escolar improvável.

O capital cultural, por exemplo, pode estar presente na família, mas não basta estar disponível, a criança tem que ter acesso a ele. Diante disso, alguns questionamentos surgem: Que pessoa dessa família detém o capital cultural? Ela está sempre ao lado da criança, cuidando da sua escolaridade? Lahire (1997) nos diz que, “A presença objetiva de um capital cultural familiar só tem sentido se esse capital cultural for colocado em condições que tornem possível sua ‘transmissão’” (p. 338).

Nessa perspectiva, pretende-se analisar as relações estabelecidas entre o sujeito Down e sua família, com o intuito de verificar as consonâncias e as dissonâncias existentes no contexto familiar e no meio escolar, ressaltando-se as estratégias empreendidas pela família, para poder compreender o seu “sucesso” improvável.

Quanto à metodologia, trata-se de um estudo de caso, pois busca estudar as experiências singulares de um sujeito Down e não as regularidades no comportamento de vários sujeitos. Dessa forma, a investigação de um único sujeito não visa generalizar resultados de maneira ampla, mas, sim, buscar indícios que possam de fato ajudar as instâncias educativas, sobretudo, a escola e a família, a possibilitarem uma inserção cada vez mais cidadã, ou

seja, ativa e participativa, dos sujeitos com Síndrome de Down em nossa grafocêntrica sociedade.

Por seu caráter qualitativo, essa pesquisa exige flexibilidade e um esforço de compreensão e produção de sentidos, cuja complexidade extrapola, e muito, a análise estatística de dados quantitativos. Segundo Mazzotti e Gewandsznajder (1998), “as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos” (p. 147).

Nessa perspectiva, o que se pretende com essa pesquisa é realizar uma análise microsociológica. Para Lahire, esta permite revelar a existência de uma heterogeneidade naquilo que, considerado de forma grosseira, acreditamos ser homogêneo. Essa homogeneidade pode ser percebida quando se utiliza o modelo macrosociológico, pois este trabalha com variáveis num universo amplo, com dados abstratos, descontextualizados e exemplos caricaturais. Ele faz uma crítica à utilização desse modelo quando se tenta compreender a realidade social. No entanto, não desconsidera a dificuldade que um pesquisador tem em reconstruir tudo, o que o levaria à necessidade de se utilizar de variáveis, como, por exemplo, o nível de escolaridade dos avós, o que permitiria a construção da imagem daquele determinado universo social. Mas, ele é enfático ao falar sobre a importância da utilização de uma microsociologia quando o que se está investigando são situações singulares, relações efetivas entre os seres sociais interdependentes (LAHIRE, 1997, p. 40).

Nesse sentido, Lahire (1997) alude que:

Deslocando o olhar para os casos particulares, ou, melhor ainda, para a singularidade evidente de qualquer caso a partir do momento em que se consideram as coisas no detalhe, o sociólogo mostra aquilo que os modelos teóricos fundados no conhecimento estatístico e na linguagem das variáveis ignoravam ou pressupunham: as práticas e as formas de relações sociais que conduzem ao processo de “fracasso” ou de “sucesso” (p. 32).

Lahire defende o caráter experimental do seu procedimento metodológico, afirmando que a compreensão das configurações sociais singulares que ele traça não tem como ser próxima da complexidade do real (LAHIRE, 1997, p. 41). Em verdade, a pesquisa não é o retrato da realidade, mas ela tem que procurar se aproximar ao máximo da mesma.

Assumindo a perspectiva de Lahire, o principal instrumento metodológico utilizado para o desenvolvimento desta pesquisa foi a entrevista, considerando-a a partir do olhar sociológico de Bourdieu (1997) o qual afirma que:

Só a reflexividade, que é sinônimo de método, mas uma *reflexividade reflexa*, baseada num “trabalho”, num “olho” sociológico, permite perceber e controlar no *campo*, na própria condução da entrevista, os efeitos da estrutura social na qual ela se realiza (p. 694).

Associada a essa ideia, assumimos o conceito de entrevista dialógica, construído pela professora e pesquisadora Maria Teresa de Assunção Freitas, que se inspirou nos ensinamentos de Bakhtin.

Uma vez que, podemos relacionar essa ideia ao conceito de compreensão responsiva, definido pelo Círculo de Bakhtin como um processo de compreender o signo ativamente, ou seja, a entrevista só acontece no momento em que o pesquisador está refletindo e reagindo, não ficando inerte diante do pesquisado, pois reage às respostas do entrevistado com outros questionamentos.

Sendo assim, para o pesquisador poder conduzir a entrevista ativamente, ele deve se colocar no lugar do entrevistado, não se esquecendo de retornar ao seu lugar, para então, através do seu excedente de visão, poder completar o outro.

Nesse contexto, Lahire adverte que o entrevistador deve tentar ao máximo reduzir os efeitos de legitimidade por meio de sua participação ativa, não colocando os entrevistados em situação de humilhação cultural (LAHIRE, 1997, p. 76). Seria aquela ideia de deixar o entrevistado à vontade para que a entrevista possa fluir, não o constrangendo com atitudes de superioridade cultural.

Outro conceito que foi traçado pelo Círculo de Bakhtin é a heteroglossiadiálogizada. Entende-se por esta que o sujeito vive num mundo de vozes sociais que estão sempre interagindo entre si, seja por relações de recusa, de divergência, de aceitação e de questionamentos; o sujeito é, na verdade, o produto dessas muitas vozes presentes no dia-a-dia.

Segundo Bakhtin, apud FARACO (2009):

Viver significa tomar parte no diálogo: fazer perguntas, dar respostas, dar atenção, responder, estar de acordo e assim por diante. Desse diálogo, uma pessoa participa integralmente e no correr de toda sua vida: com seus olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com seu corpo todo e com todos os seus feitos. Ela investe seu ser inteiro no discurso e esse discurso penetra no tecido dialógico da vida humana, o simpósio universal (p. 76).

A comunicação está presente, ela é viva, e é por meio dessas interações verbais, da absorção de múltiplas vozes que o sujeito vai construindo a sua voz social. Nessa perspectiva, Faraco (2009) afirma, “O mundo interior é, então, uma espécie de microcosmo heteroglóssico, constituído a partir da internalização dinâmica e ininterrupta da heteroglossia social” (p. 84).

A entrevista é marcada por essa relação dialógica em que se busca uma compreensão ativa, ou seja, o pesquisador compreende ativamente quando consegue interagir com o entrevistado: concordando, completando, repensando, reformulando, enfim, participando. Para Freitas (2003):

(...), justifica-se chamar a entrevista, que se realiza a partir dessa concepção, de dialógica, pois ela estabelece uma relação de sentido entre os enunciados na comunicação verbal.

(...), a entrevista se constitui como uma relação entre sujeitos, na qual se pesquisacom os sujeitos as suas experiências sociais e culturais, compartilhadas com as outras pessoas de seu ambiente. Assim, pesquisador e pesquisado passam a ser parceiros de uma experiência dialógica conseguindo se transportarem da linguagem interna de sua percepção para a sua expressividade externa, entrelaçando-se por inteiro num processo de mútua compreensão (p. 36).

O pesquisador é um ser social, volitivo, portanto, os diversos sentidos instituídos na entrevista são resultados da relação estabelecida entre ele e o pesquisado, não havendo possibilidade de uma neutralidade absoluta, até porque se trata de sujeito/ser social. Essa relação deve iniciar por meio da empatia, o que possibilita o entrevistado “ficar à vontade” para participar efetivamente do processo de entrevista.

Nesse sentido, Bakhtin traz a ideia de alteridade que marca a modelagem do eu a partir de duas categorias: *o eu para o outro* (como o outro me vê) e *o outro para mim* (como percebo o outro). Existe então uma nítida relação de dependência, já que o eu precisa do outro para se constituir, para se definir.

A partir dessas categorias, Bakhtin também apresenta o conceito de “excedente de visão”, ou seja, eu consigo ver no outro o que ele não consegue ver em si mesmo, e o outro consegue ver em mim o que eu não consigo perceber, tanto os aspectos corporais como o modo de ser. Após me colocar no lugar do outro, eu retorno ao meu lugar para poder completa-lo, dando forma e acabamento ao que contemplei nele. Esse movimento é definido como exotopia, como um lugar fora do outro.

De acordo com Bakhtin (2011):

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (p. 23).

Dessa forma, é imprescindível que o pesquisador retorne ao seu lugar, sob pena dele se perder no espaço e nas vivências do outro, além da sua pesquisa acabar se tornando mera descrição de fatos.

O principal instrumento metodológico que será utilizado é a entrevista dialógica e, por se tratar de uma relação entre sujeitos, marcada pela comunicação verbal, ela irá possibilitar a construção de vários sentidos de enunciados e de uma nova compreensão e transformação da realidade. Essa transformação não será apenas do contexto em que será desenvolvida a pesquisa, mas, principalmente dos sujeitos envolvidos nela, pesquisadora e pesquisados. Aprendemos com o outro, isso porque nos constituímos ser a partir do outro, das múltiplas

vozes que se fazem vivas no nosso dia-a-dia. Por isso, toda interação entre sujeitos é impregnada de sentidos, de aprendizagens e de novos conhecimentos.

Sendo assim, diante das perspectivas apresentadas como fundantes para esse trabalho de pesquisa em consonância com os dados que serão coletados por meio das entrevistas, buscar-se-á compreender as questões que nos conduziram a esta investigação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BOUDON, Raymond. A desigualdade das oportunidades: a mobilidade social nas sociedades industriais. Trad. De Carlos Alberto Lamback. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: *A miséria da mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. P. 693-713.

_____. Algumas propriedades dos Campos. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983. P. 89-94.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

FREITAS, M.T.A.; Jobim e Souza, S.; Kramer, S. (orgs). **Ciências humanas e pesquisa - Leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003.

LAHIRE, Bernard. Sucesso Escolar nos meios populares: As razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

STORER, Maria Regina de Souza; VOIVODIC, Maria Antonieta M. A. O desenvolvimento cognitivo das crianças com Síndrome de Down à luz das relações familiares. *Psicologia Teoria e Prática*, São Paulo: s.n, v. 4, n. 2, p. 31-40, jul./ago. 2002. Disponível em <www.mackenzie.br/fileadmin/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_4_-_Numero_2/v4n2_art3.pdf>. Acesso em jun. 2010.